

O avesso de Brasília ao avesso: táticas para intervenções no Conic

Eduarda Aun (1) Liza Andrade (2)

(1) Estudante da FAU/UnB. E-mail: eduarda.aun@gmail.com

(2) Professora adjunta do Dep. de Projeto, Expressão e Representação, FAU/UnB, Brasil. E-mail: lizamsa@gmail.com

Resumo: Localizado no centro de Brasília, o Conic, um complexo de edifícios no Setor de Diversões Sul, foi concebido por Lucio Costa como um lugar sofisticado e cosmopolita para abrigar funções voltadas ao comércio e ao entretenimento. No entanto, o Conic é hoje considerado por muitos como o “avesso de Brasília”. Devido às irregularidades durante a sua construção e principalmente aos usos e apropriações do espaço ao longo da sua história, é um lugar esquecido por boa parte da população e principalmente pelas autoridades locais. Por um lado, este abandono acabou gerando um espaço único em Brasília que reúne muita diversidade social e cultural. Por outro, o descaso com o Conic acabou gerando espaços colaterais e lugares ociosos que poderiam ser melhor aproveitados. Portanto, é preciso intervir de maneira delicada e consciente para que no processo de melhoria do espaço e consequente valorização do mesmo, não ocorra um processo de gentrificação, descaracterizando o Conic que conhecemos hoje. Neste contexto, o trabalho a seguir apresenta os procedimentos e as propostas de intervenção, que envolvem a participação da comunidade, o urbanismo tático e a arte urbana como orientações da regeneração urbana e da valorização do Conic, por meio de intervenções interativas in loco, estruturas temporárias, mobiliário com reaproveitamento de materiais, pintura de empenas e pavimento, visando o baixo custo, porém, com grande impacto.

Palavras-chave: regeneração urbana; processo participativo; urbanismo tático; Conic; Brasília.

Abstract: Located in central Brasilia, Conic, a complex of buildings in the Sector of Amusement, was conceived by Lucio Costa as a sophisticated and cosmopolitan place aimed to house commercial and entertainment functions. However, Conic is now considered by many as the "reverse of Brasilia". Due to irregularities during its construction and especially to the uses and appropriations of space throughout its history, it is a place forgotten by most of the population and especially by local authorities. On one hand, this indifference has generated a unique place in Brasilia that brings a lot of social and cultural diversity. On the other hand, the neglect of Conic ended up generating idle side spaces and places that could be better used. Therefore, it is necessary to intervene in a delicate and conscious way in order to avoid gentrification during the process of improvement and consequent appreciation of Conic's public spaces, discomposing the Conic we know today. In this context, the work below shows the procedures and intervention proposals, involving community participation, tactical urbanism and urban art as guidelines for urban regeneration and recognition of Conic through interactive interventions, temporary structures and urban furniture with reuse of materials, wall and floor painting, aimed at low cost interventions but with great impact.

Key-words: urban regeneration; participatory process; tactical urbanism; Conic; Brasília.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende demonstrar o processo de projeto com pequenas táticas de intervenção para o espaço do Setor de Diversões Sul, mais conhecido como Conic: um espaço colateral singular na cidade, localizado no coração do Plano Piloto, próximo à Rodoviária. O descaso e abandono pelas autoridades locais não impede que o setor ainda pulse: o Conic é um espaço de efervescência cultural

e ponto de encontro de tribos diversas e de pessoas que procuram produtos e serviços especializados. É curioso, entretanto, compreender por que embora o Conic tenha uma centralidade global, a sua acessibilidade local seja restrita: o que faz com que alguém que passa pela plataforma rodoviária percorra o seu espaço interno? É a “invisibilidade do concreto”, marcada pela sua arquitetura que não convida um desconhecido a percorrer o desconhecido? Ou é a imagem que se tem do lugar que o impede de explorar os seus labirintos? Labirintos estes que mantêm justamente o convívio dos diferentes e que formam a identidade do Conic, um espaço onde tudo se mistura.

Neste contexto, esta pesquisa teve como premissas aprofundar o conhecimento sobre a história do Conic, analisar o seu contexto e as problemáticas atuais, além da aproximação com a comunidade do Conic, antes da elaboração de táticas de intervenção e ocupação de seus espaços públicos.

1.1. O Setor de Diversões de Lucio Costa

Imaginado como um lugar sofisticado e cosmopolita, o Setor de Diversões previa livrarias, restaurantes, cafés, casas de chá, bares e boates, além de outras atividades que deveriam preencher as necessidades de lazer da futura população do plano (COSTA, 1957). Segundo o Relatório, o acesso ao setor seria feito através de galerias e arcadas, concentrando atividades voltadas ao comércio e ao entretenimento, sugerindo o “resgate das vivências cotidianas da tradição carioca de vida pública, associadas à sofisticação da vida urbana de grandes capitais reconhecidas por seu caráter cosmopolita” (REZENDE, 2014). Lucio Costa cria esta imagem de centro baseado na *Champs Elysées* em Paris, no *Picadilly Circus* em Londres, *Times Square* em Nova Iorque e na Rua do Ouvidor no Rio de Janeiro (COSTA, 1957). Suas boutiques famosas e seus painéis iluminados, seus restaurantes luxuosos e cafés, além do burburinho típico das ruas brasileiras, numa tentativa de reunir diferentes grupos de funcionários, estudantes, comerciantes e profissionais liberais.

Dividido em dois quarteirões, o Setor de Diversões é composto pela porção norte, o Conjunto Nacional e pela porção sul, mais conhecido como Conic. Vendido, projetado e construído de uma só vez como um único edifício, o Conjunto Nacional resultou em uma implantação mais uniforme e integrada, funcionando como um shopping center. Já o Conic foi dividido em 18 lotes, construídos separadamente, mantidas públicas as áreas de circulação entre eles. Assim, mesmo as áreas públicas – meros corredores de circulação com áreas mais largas – foram construídas separadamente, o que causou problemas de integração entre os edifícios do setor e as praças vizinhas, formando desníveis e obstáculos.

Conforme a sua evolução, passa a acolher diferentes tipos de estabelecimentos comerciais nos primeiros pavimentos, entre eles, livrarias, igrejas, lojas variadas, escola de teatro, cabeleireiros, botecos, lanchonetes e sedes de partidos políticos, enquanto nos pavimentos restantes há escritórios. Os espaços públicos entre os prédios, sujeito ao regimento da cidade, recebem influência da diversidade das edificações, que “denotam uma complexidade urbana e arquitetônica, que forma galerias, vielas, praças de uma excentricidade interessante e simpática – a cara do povo que vive a realidade urbana do SDS” (PENHA, 2008).

1.2. Espaço decadente ou diversidade cultural?

Com o crescimento da cidade e pela proximidade da Rodoviária, o setor acaba se popularizando, abraçando diferentes camadas da sociedade, desde os moradores da zona central aos moradores das zonas periféricas do Distrito Federal. “Skatistas, artesãos, boêmios, grafiteiros, evangélicos, prostitutas e sindicalistas vêm transformando esse espaço, convertendo cinemas em templos religiosos, calçadas em pistas de manobra, praças em feiras, escadas em palanques, porões em discotecas” (REZENDE, 2014). Lucio Costa não antecipou a participação e integração de outras classes neste setor, apropriado de um modo diferente daquele concebido por ele em seu relatório. “Isso é tudo muito diferente do que eu tinha imaginado para esse centro urbano, como uma coisa requintada, meio cosmopolita”, Lucio Costa para *Jornal do Brasil*, novembro de 1984. A cidade reage

a essa programação da espontaneidade, sugerindo que o projeto não é um domínio fechado e que o habitante é o principal agente transformador do espaço.

Seus primeiros anos, marcados pela consolidação da imagem do setor como um centro de diversões que dispunha de cinemas, restaurantes, boates e livrarias é logo substituída pela imagem de um lugar marginalizado e decadente, ocupado por moradores de rua, prostitutas e usuários de droga. A presença de prostíbulos, cinemas adultos, casas noturnas, boates gays e os demais usos que estes estabelecimentos trouxeram ao Conic contribuíram para a impressão negativa que se tinha do lugar. Atualmente, andando pelo Conic, nota-se que tanto “as apropriações como a morfologia do setor são responsáveis por esse processo de resignificação da sua arquitetura” (REZENDE, 2014). Por um lado, o Conic é considerado por muitos como um centro alternativo de cultura e lazer. Por outro, sofre ainda pela sua imagem estigmatizada, devido aos usos e apropriações durante a sua construção espacial e simbólica. No entanto, não deixa de ser ainda um lugar instigante no imaginário da população.

2. OBJETIVO

O objetivo deste artigo é demonstrar o procedimento do projeto de regeneração urbana da área do Conic com táticas para pequenas intervenções de baixo custo, rápidas de construir e temporárias, para atrair e valorizar as pessoas do lugar, considerado um espaço “marginalizado” por muitos.

A partir do estudo da área, da sua relação com o entorno, das suas características atuais e dos seus usuários, propor um projeto que reúna não só as características do plano original de Lucio Costa, mas principalmente as características atuais, de apropriação e heterogeneidade.

O projeto, portanto, não tem a intenção de “arrumar” o Conic ou formalizar os seus espaços, mas de torná-lo mais atrativo a partir das qualidades que já possui, ocupando as sobras espaciais e ambientes esquecidos. Visa valorizar e reafirmar o Conic como espaço alternativo e de diversidade cultural e social em Brasília, integrando-o com o centro urbano da cidade, e ao mesmo tempo, ocupando espaços ociosos, localizados no coração da cidade que, principalmente fora dos horários comerciais, carecem de atividades que os configure como centro de diversões e lazer.

Projetar espaços de uma nova maneira, a partir de conceitos como o urbanismo tático e a participação, em uma abordagem bottom-up, ouvindo as pessoas, analisando os comportamentos dos diversos grupos que compõem o espaço e as potencialidades do local.

3. JUSTIFICATIVA

Para muitos moradores da cidade, uma das maiores carências são as áreas de convívio coletivo que escape aos jardins e às áreas verdes. Enquanto Brasília dispõe de vastas áreas bucólicas, deve em matéria de botecos, por exemplo, um velho hábito urbano do país. O Conic, neste contexto, aparece como uma alternativa e como espaço singular que abrange não apenas os tipos sociais, mas a sua própria arquitetura interna vai sendo criada e recriada sem a rigidez legal da Esplanada, como acontece em qualquer cidade tradicional.

Localizado em um ponto privilegiado da cidade e de fácil acesso da população, é curioso o descaso com o espaço por parte das autoridades locais. Por outro lado, um lugar que reúne tanta diversidade social e cultural, com forte significado político e simbólico para a cidade, pede uma ocupação consciente. Por mais que todos concordem que é necessária uma requalificação do espaço físico como um todo, é também muito delicado e até mesmo polêmico intervir no Conic. É preciso ter cuidado, para que no processo de melhoria do espaço e da consequente valorização do mesmo, não ocorra um processo de gentrificação, descaracterizando o Conic que existe hoje.

4. PROCEDIMENTOS

A imagem de um lugar decadente e marginalizado, contraposta à de um lugar de diversidade cultural ajudou a traçar os conceitos nos quais o projeto se embasou, entre eles: Ocupe o Conic!, Faça-você-mesmo!, Plante Arte! e Bora participar!, que serão explicados mais adiante. A ideia de ocupar um espaço colateral da cidade, subutilizado ou com potencial pouco aproveitado aliado à nova forma de ver e intervir no espaço público por meio da participação da comunidade é o que orienta este trabalho.

O diálogo com as questões urbanas por meio do urbanismo tático e da arte urbana pretende instigar a transformação do espaço a partir da colaboração de diferentes atores sociais, por meio de intervenções a curto prazo, como forma de experimentação. A arte urbana, que já faz parte da realidade do Conic, pode contribuir para dar mais visibilidade a ele e ao que acontece em seu interior, valorizando os seus usuários, transpondo a sua identidade e atraindo mais pessoas, desempenhando um papel de regeneração urbana conduzida pela cultura, tanto no âmbito econômico quanto em termos de comunidade.

Tratando-se de um projeto para um lugar tão polêmico como o Conic, foi importante entender a problemática que envolve a intervenção, tentando respeitar as contradições encontradas, no que se refere à implantação e à relação com a população existente. Para começar o projeto, foi necessário conhecer o lugar e o que ele pôde revelar, por meio da análise de aspectos físicos; e seus usuários e suas ações no cotidiano, por meio da análise de aspectos socioculturais. A aproximação e a participação da comunidade do Conic permitiu entender, ainda, as verdadeiras necessidades e aspirações dos usuários, em um processo de baixo para cima. Foi a relação entre a comunidade e seu ambiente que definiu as intervenções que foram propostas.

A abordagem utilizada inspirou-se em diversos trabalhos, entre eles, o Caderno Calafate, do coletivo Micrópolis (UFMG) e o Manual de Mapeo Colectivo, do grupo Iconoclastas (Argentina), que trabalham como uma série de mapeamentos experimentais que põem em relevo as potencialidades do bairro na contramão dos diagnósticos urbanísticos que apontam somente as mazelas do espaço a serem resolvidas. Intervenções dos grupos Sobreurbana (Goiânia), Todo por la práxis (Espanha), Oficina Informal (Colômbia) e Bruit du Frigo (França) também serviram de inspiração para as intervenções propostas no Conic.

4.1. Ocupe o Conic!

Há alguns anos o cenário público e cultural em Brasília vem se modificando: estão pipocando eventos na cidade, sejam eles manifestações políticas, sociais ou ainda econômicas (Marcha do Vinagre, Marcha das Vadias, Isoporzinho), sejam manifestações artísticas (Jam do Museu, Sarau da Passagem, Céu com Cinema), sejam festas alternativas (PicniK, Balada em tempos de crise). Diversos em sua natureza e pessoas que os compõem, têm em comum seus objetivos: a volta às ruas e a retomada dos espaços públicos. Uma consciência a respeito da ocupação e valorização dos espaços públicos ociosos está se formando e novas ideias estão surgindo de modo a estimular a vida pública em Brasília, alvo de crítica de tantos estudiosos. Estas formas de ocupação são uma reação à cidade que não foi pensada para estas pessoas e para as suas reais necessidades, que além de tudo, vêm se modificando ao longo das gerações.

4.2. Faça-você-mesmo: o urbanismo tático como forma de experimentação

Já são familiares os casos de grupos de pessoas fazendo a sinalização no asfalto para a segurança dos ciclistas, ajudando a melhorar a orientação dos pedestres através de sinalização de ruas, transformando espaços ociosos em jardins e hortas. Esta preocupação com a cidade e seus usuários vem sendo demonstrada através de diversas intervenções urbanas ao redor do mundo, com a intenção de melhorar a qualidade dos espaços e as relações interpessoais favorecidas pela sua melhoria. Essas ações criativas e em pequena escala, com caráter mais ou menos formal que tendem a contribuir para

melhorar os espaços urbanos estão sendo chamadas de DIY urbanism (Urbanismo faça-você-mesmo) ou também conhecido como urbanismo tático. Por meio do uso de materiais alternativos, apresentar soluções temporárias e de baixo custo mas que possam gerar um grande impacto.

4.3. Plante arte: regeneração urbana conduzida pela cultura

Quando pensamos em arte urbana ou em grafites, geralmente os associamos à cidade contemporânea. No entanto, a história nos revela que os homens sempre desenharam em paredes, desde as cavernas, como primeira forma de arte de guerrilha, aos muros de alvenaria. É intrínseco ao homem a necessidade de compartilhar suas ideias e se expressar de forma pública. Se são criticados por atos de vandalismo, são aplaudidos pelas poesias, estênceis e grafites que são irônicos e espirituosos, pelo encantamento que provocam a certos lugares. Esse encantamento que se revela, através da surpresa, do entusiasmo e do sentimento de descoberta, contribui para que “os consumidores do espaço público mergulhem na experiência (extra)ordinária da vida urbana” (CARÛ E COVA, 2007 apud VISCONTI et al, 2010).

A revitalização e a recuperação de bairros são instigados por esse processo, e os habitantes se sentem parte do ambiente recuperado, reanimando sentimentos de proximidade com ele. A arte de rua funciona como uma espécie de vitrine e a conversão do espaço em lugar. A apreciação dos bairros se estende além da esfera local e passa a incluir visitantes “de fora”. Dialogando com várias questões urbanas, a arte pública pode contribuir para diferenciar lugares uns dos outros, atrair investimentos, impulsionar o turismo cultural e alternativo, valorizar as propriedades, criar empregos, incrementar o uso dos espaços urbanos e reduzir o vandalismo.

4.4. Bora participar!

A participação é a presença ativa ou envolvimento das partes interessadas em processos decisivos, sejam eles urbanos, territoriais, sociais ou culturais. A ideia da participação incide sobre a inclusão das minorias e dos não-organizados, portadores de exigências diversas, na tomada de decisões.

No projeto para o Conic, por exemplo, não basta implantar ou requalificar uma praça e outros equipamentos de lazer, isolados de um processo onde os usuários compreendam e se reconheçam nesses lugares. Em seu livro, “Arquitetura e Paisagem – projeto participativo e criação coletiva”, Sylvia Pronsato discorre sobre a falta de afetividade pelos lugares, que conseqüentemente gera uma pobreza cultural. Segundo ela, os locais são melhores conservados quando, de alguma maneira, os moradores tem um envolvimento no processo de decisão e execução desses lugares, pois a partir da participação, é desenvolvido o afeto pelo lugar.

Neste contexto, foram realizadas algumas ações com o objetivo de se aproximar da comunidade do Conic. Estas ações estão divididas em 5 momentos, passando do contato virtual ao contato real.

4.4.1. O Conic ao avesso

No contexto atual de comunicação e tecnologia, as redes sociais são um modo mais fácil e imediato de aproximação entre as pessoas. A primeira tentativa de articulação com a comunidade do Conic foi por meio da criação da página do facebook, *O Conic ao avesso*. A página tem como objetivo conectar os diferentes usuários do Conic e, ao mesmo tempo, divulgar o que acontece no Conic e chamar para a participação e envolvimento no projeto.

4.4.2. Bora participar?

Por meio da página *O Conic ao avesso*, foi divulgado um questionário online, que tinha como objetivo engajar o maior número de pessoas e entender as necessidades e aspirações de pessoas que costumam frequentar o Conic. O questionário partia de questões mais gerais, como o que o

participante entendia por diversão a questões afetivas relacionadas ao Conic (os pontos de referência, os lugares, lojas e restaurantes preferidos, etc.) O questionário pretendia, ainda, coletar informações para a elaboração do Guia de Bolso do Conic, um guia colaborativo onde os usuários do Conic poderiam dar dicas a futuros visitantes. A partir das análises feitas anteriormente, foi possível sugerir intervenções nos espaços do Conic e os participantes podiam escolher entre os padrões propostos e sugerir novas ideias.

4.4.3. Colocando o Conic no mapa

De forma a compreender a imagem do Conic para aqueles que o vivenciam, foi proposto um mural interativo, inspirado nas intervenções da artista taiwanesa-americana Candy Chang, conhecida por suas instalações públicas interativas que provocam o engajamento cívico e introspecção emocional. Um mural de post-its com a forma do Plano Piloto e o Conic destacado foi instalado na lateral de um importante ponto de referência no local, o Teatro Dulcina, durante o mês de novembro de 2014. Na versão elaborada para o Conic, *Colocando o Conic no mapa*, os usuários do Conic foram convidados a responder o que era o Conic para eles (figura 1).

O resultado foi interessante; por um lado, as respostas giraram em torno de temas como “lugar de efervescência cultural e de todas as tribos”, “minha segunda casa”, “underground”, “roots”. Por outro, os post-its eram utilizados como espaço para tags/grafites com nomes de pessoas ou até mesmo para declarações de amor. No entanto, o mais curioso foi a quantidade de post-its relacionando o lugar ao uso do crack.

Ainda hoje, o Conic é segunda casa para muitos moradores de rua e usuários de crack, que perambulam por suas vielas e se apropriam de alguns espaços, onde repousam ou fazem o consumo de drogas. Mesmo à noite, quando o setor está já fechado, a Praça dos Aposentados dá lugar para os usuários provenientes das *crackolândias* (espaços onde concentram-se usuários de crack no Setor Comercial Sul e perto da rodoviária) e para traficantes que passam por lá.



FIGURA 1 – Processo participativo: intervenções interativas no Conic. Foto: Eduarda Aun

4.4.4. O que deseja para o Conic?

Em novembro de 2014, o Conic deu lugar ao evento Kultur Ocupação Cultural, projeto idealizado pelo Unos Coletivo que visava trazer para o centro da cidade uma proposta de Ocupação Cultural, por meio de intervenções artísticas em suas diversas vertentes. Neste contexto, foi disponibilizado um espaço para a realização de uma outra intervenção interativa.

Foi proposto, desta vez, um mural em forma de lousa onde as pessoas pudessem escrever e desenhar o que imaginam para o espaço do Conic. O mural foi inspirado nas lousas do projeto Ocupe Goiânia, criadas pelo grupo Sobreurbana, que por sua vez se inspirou no mural mais famoso de Candy Chang, “Before I die...” (Antes de morrer...), uma lousa pintada sobre um muro, onde as pessoas são

convidadas a escrever o que elas gostariam de fazer antes de morrer. A adaptação foi feita para o contexto do Conic, de forma a engajar os visitantes e entender não mais o que é o Conic, mas o que as pessoas gostariam que ele fosse.

Durante o final de semana da Ocupação Cultural, o mural foi instalado no pilotis de um edifício central do Conic, o Edifício Darcy Ribeiro, e permaneceu no Conic durante o mês de dezembro, na parte de trás do Teatro Dulcina. Entre os desejos, pedia-se um Conic com mais amor, alegria, cultura e ocupação. A lista de pedidos contava, ainda, com banheiros públicos, sinuca, cinema, skatepark, wi-fi, restauração, festas, sebinho de livros, iluminação, arte, infraestrutura para shows e eventos, música, espaço para grafiteagem, teatro, performance.

4.4.5. Aproximações

De forma a se aproximar dos usuários do Conic, figuras-chave do dia a dia do Conic foram entrevistadas. Os entrevistados foram escolhidos por serem representantes de tribos que frequentam o Conic, ícones na sua história ou por fazerem parte da sua cena artístico-cultural.

Nos diálogos estabelecidos por meio dos questionários e das entrevistas com as figuras-chave, entre elas, membros de associações diversas (de artistas, de artesãos, de skatistas, de dançarinos), comerciantes, ativistas e entusiastas do Conic, o que se percebe é por um lado um medo e um certo preconceito em relação do Conic e por outro, uma tentativa de combatê-lo. Ainda que a polícia considere o Conic como um dos lugares menos violentos da zona central, existe ainda a imagem de um lugar inseguro e marginalizado na cidade, principalmente para aqueles que não frequentam o Conic no dia-a-dia. Isto pode ser justificado pela sua arquitetura pouco convidativa, pelo pouco conhecimento que se tem do lugar, ou pela imagem disseminada pelos veículos de comunicação nos últimos anos.

Em virtude desta problemática, surge a ideia de criar um Guia de Bolso do Conic, visando a conscientização dos lojistas, a elevação da autoestima do local e a divulgação do que acontece ali dentro. Um guia que revele o que o Conic tem a oferecer, as lojas e serviços, as manifestações culturais existentes e a memória do que já foi.

O abandono, a má conservação e a falta de segurança, por sua vez, também comentados, seriam sanados por meio da requalificação do espaço físico a partir das intervenções sugeridas. A valorização das atividades realizadas no Conic e a criação de novas formas de lazer e cultura atrairiam mais pessoas para o seu interior, mantendo-o vivo e conseqüentemente, mais seguro.

5. RESULTADOS

A ideia é “virar o Conic ao avesso”, para que quem esteja de fora, queira desvendar o seu interior. O *Averso de Brasília ao avesso: o guia colaborativo do Conic*, organizado a partir das informações obtidas durante o estudo do contexto e do processo participativo foi distribuído gratuitamente, com a intenção de valorizar a sua história e suas manifestações culturais e promover a ocupação do espaço (figura 2).



FIGURA 2 - O avesso de Brasília ao avesso, o guia colaborativo do Conic. Foto: Eduarda Aun

5.1. Requalificação dos espaços físicos

Em seguida, por meio da requalificação dos acessos ao Conic, propor novos usos aos espaços que hoje apenas conectam o Conic aos demais setores, refletindo aquilo que acontece no interior do Conic: parque para skatistas, cinema ao ar livre, espaço para shows e performances, mercado, hortas, bares, arte urbana, etc.

5.1.1. Vem pra rua!

A rua de serviço que passa pelo segundo subsolo do Conic é ocupada, principalmente, por distribuidoras de doces, alimentos e bebidas. O perfil de mercado desta via potencializa a criação de um mercado que pode se estender à rua aos finais de semana.

As arquibancadas também foram pensadas para criar uma relação entre a praça e a rua, criando uma espécie de praça vertical. Rampas, escadas e jardineiras podem servir como obstáculos para skatistas e mesmo como mirante para se observar o que acontece na rua, que aos finais de semana, torna-se uma via compartilhada de pedestres e ciclistas. A mesma arquibancada pode ser utilizada para reuniões de partidos políticos e sindicatos ou para sessões de cinema ao ar livre (figura 3).



FIGURA 3 – Antes e depois: intervenção na rua de serviço do Conic. Foto: Eduarda Aun

5.1.2. Estruturas temporárias e mobiliário flexível

Um entorno convidativo chamará as pessoas a desvendarem o interior do Conic, que será uma enorme galeria a céu aberto, com as empenas coloridas com arte urbana e com diversas atividades culturais (figura 4). O seu interior, portanto, recebe intervenções de caráter mais flexível, de forma a possibilitar a apropriação pelos mais diversos atores que fazem uso do seu espaço. Por ser um local plural que, portanto, necessita de espaços que possam se configurar de diferentes maneiras, conforme o público ou a ocasião, foram propostas estruturas temporárias, que possibilitem flexibilidade tanto na disposição quanto no uso. A estrutura de bambu proposta poderá configurar diferentes espaços, incluindo biblioteca, espaço para festas e eventos, cinema, área para descanso e socialização, etc (figura 5). É, também, uma estrutura leve, de fácil montagem e de baixo custo, o que permite que seja feita pelos próprios usuários do Conic, quando necessário.

O mobiliário proposto pode ser feito com madeiras provenientes de pallets, de 100x120cm ou de 80x120cm. A combinação dos módulos permite diversos desenhos: passarelas de moda, palcos, bancos, deck; e possui diversas funções: assento, estante, painel, mesa de jogos, entre outros. As possibilidades são muitas, para permitir a apropriação por pessoas diferentes.

Foram propostos, também, equipamentos de lazer, como mesas de ping-pong para descontração do dia-a-dia e parquinho infantil, para eventos que atraem crianças e famílias. A arborização do interior

do Conic se deu por meio de jardineiras feitas, também, com pallets e árvores de pequeno porte.

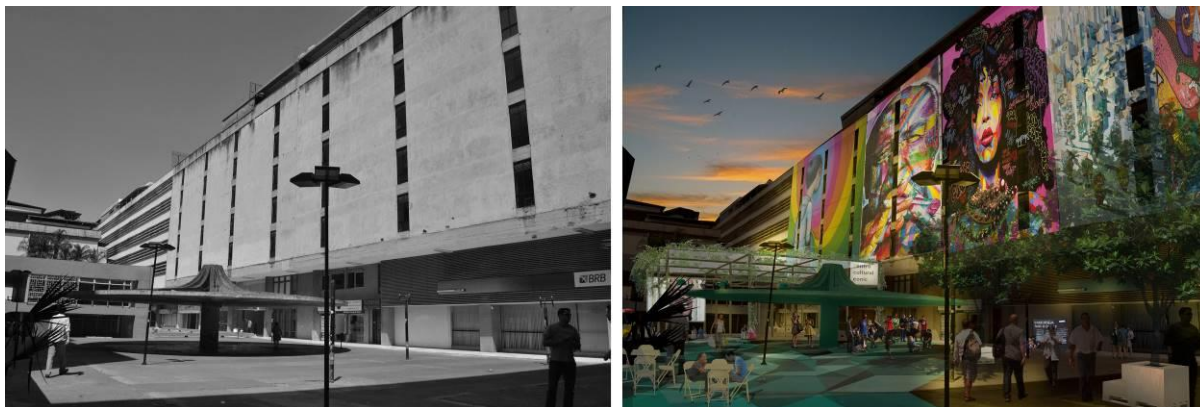


FIGURA 4 – Antes e depois: intervenção no interior do Conic. Foto: Eduarda Aun



FIGURA 5 – Estrutura multifuncional de bambu: exemplo de biblioteca comunitária. Foto: Eduarda Aun

Uma forma rápida, de baixo custo e impacto é a pintura da pavimentação no lugar da troca de revestimento. No Conic, a pintura do piso foi proposta como sinalização: as diferentes cores indicam percursos a serem feitos para acessar as praças internas e externas do Conic. Onde os percursos se cruzam, preencheu-se o espaço com diferentes motivos geométricos para a conformação de pequenos largos. As empenas cegas também foram coloridas com arte urbana para a criação de uma galeria a céu aberto.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo participativo realizado no Conic, aliado ao urbanismo tático, envolve a comunidade tanto na elaboração do projeto quanto na possível execução do mesmo. Estas duas metodologias, quando trabalhadas em conjunto, permitem que a comunidade manifeste os seus anseios e ao mesmo tempo, solucione as suas carências: o projeto foi feito com eles e por eles. As soluções arquitetônicas de baixo custo e que podem ser realizadas em curto prazo visam ocupar alguns espaços ociosos ou sugerir novos usos para espaços subutilizados. Após a apresentação do projeto à comunidade no “Festival Juntando Gente Boa” dentro do Conic, a adesão foi imediata, uma vez que a comunidade se enxergou no projeto. A colaboração na execução do mesmo, a partir das propostas de autoconstrução, criaria uma relação ainda maior entre o espaço e a comunidade, reanimando sentimentos de afeto e de

cuidado com o Conic. Dadas as ferramentas à comunidade, ela mesma pode se empoderar na tomada das decisões, transformando o projeto, uma vez que ele não é estático.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, L. *Relatório do Plano Piloto de Brasília*. In: LEITÃO, F. Brasília, 1960-2010. Brasília: [s.n.], 1957. P. 76.

DOUGLAS, G. *Do-it-yourself urban design: the social practice of informal “improvement” through unauthorized alteration*. City & community, 13, 2014. 5-25.

FERRELL, J. *Urban graffiti*. Youth and society, 1995. 73-92.

GDF. *Plano de preservação do conjunto urbanístico de Brasília*. Gdf. Brasília. 2014.

LYDON, M. *Urbanismo tático: ação a curto prazo, mudança a longo prazo*. [s.l.]: [s.n.], v. 2, 2012. Disponível em: <http://issuu.com/streetplanscollaborative/docs/tactical_urbanism_vol._2-portuguese>. Acesso em: 05 setembro 2014.

MICRÓPOLIS. *Caderno Calafate*. Escola de arquitetura, UFMG. Belo Horizonte, 2014.

NUNES, B. F. *A “sociologia” de um edifício urbano: o Conic do Plano Piloto de Brasília*. Cadernos metrópole 21, 2009. 13-32.

PENHA, A. C. L. S. *Setor de diversões sul: considerações sobre sua evolução*. Brasília. 2008.

PRONSATO, S. A. D. *Arquitetura e paisagem: projeto participativo e criação coletiva*. São Paulo: Annablume, 2005.

RENA, N.; BERQUÓ, P.; CHAGAS, F. *Biopolíticas espaciais gentrificadoras e as resistências estéticas biopotentes*. Lugar comum no 41, 2014. 71-88.

REZENDE, R. *Centro de Brasília: projeto e reconfiguração: o caso do Setor de diversões de Brasília - Conic*. Brasília. 2014.

SHARP, J.; POLLOCK, V.; PADDISON, R. *Just art for a just city: public art and social inclusion in urban regeneration*. Urban studies, maio 2005. 1001-1023.

SOUZA, G. A. M. D. *SDS “Conic”: Revitalização e integração com o centro urbano de Brasília*. Vol. 1 e 2. Brasília: Universidade de Brasília, 1993.

TENÓRIO, G. D. S. *Ao desocupado em cima da ponte: Brasília, arquitetura e vida pública*. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

VISCONTI, L. ET AL. *Street art, sweet art? Reclaiming the “public” in public space*. Journal of consumer research, 2010.